

“A Mystica Theologia”, de Frei Sebastião Toscano

Sebastião Toscano nasceu no Porto em 1515. Foram seus pais Tomé Gonçalves e Maria Toscano. O pai tinha a categoria de «cidadão» da buliçosa urbe; a mãe, pese embora o apelido, entroncava genealogicamente nos Reimões, uns fidalgos rurais de Riba-Douro. O pequeno Sebastião aprendeu no Porto as primeiras letras e um pouco de latim. Depois, partiu para Salamanca a fim de prosseguir os seus estudos. Cursava Leis por 1531, quando abandonou a Universidade para vestir o hábito no vizinho convento de San Agustín.

Em 1541, Jerónimo Seripando, o famoso Geral dos agostinhos, veio a Portugal em visita canónica aos conventos da sua Ordem. Agradou-se de Frei Sebastião Toscano, então na Graça de Lisboa, e levou-o consigo para Roma. A partir daí, o português foi subindo sempre: secretário do Geral, leitor em Bolonha, regente de Estudos em Nápoles e, por fim, mestre em Teologia. A colação do ambicionado grau teve lugar em 1545, após o que regressou a Portugal.

Educado em Itália, tendo convivido com gente sabedora e de influência, Sebastião Toscano trazia uma mentalidade europeia; e essa mentalidade foi chocar com o ideal ibérico de reforma e as vistas mais estreitas de Luís de Montóia e Francisco de Vilafranca, os dois vigários castelhanos que estavam à frente da província portuguesa. Após vicissitudes várias, Mestre Sebastião Toscano seria desterrado de Portugal, em 1551, por ordem de D. João III.

O seu exílio prolongou-se por quase dez anos, em Castela. Parte desse tempo, passou-o no convento salmantino, onde tomara o hábito. Lá vivia, nessa altura, o grande Frei Luís de León, de quem foi amigo e com quem permutaria os seus escritos. Também nesses anos, foi enviado pelo Geral a Inglaterra, na

tentativa de recobrar os conventos ingleses, face à esperança que representava para o Catolicismo o casamento de Filipe II com Maria Tudor. Não conseguiu, porém, passar além de Bruxelas.

A partir de 1561, encontramos-lo de novo em Portugal. É eleito duas vezes provincial, em 1572 e 1578. Retoma o ministério do púlpito, que inaugurara nos anos de 1545-51 com o título de pregador real. Publica as suas obras. Refugia-se no «deserto» de Penafirme. Prega um sermão anti-filipista na Sé de Lisboa, após a malfadada batalha de Alcântara, travada a 25 de Agosto de 1580. E morre na primavera de 1583...¹

Sebastião Toscano estreou-se literariamente em 1554, quando publicou em Salamanca, na imprensa de André de Portonaris, a primeira tradução castelhana das *Confissões* de Santo Agostinho. Essa versão foi feita a pedido de Dona Leonor de Mascarenhas, e a lida por Santa Teresa e todos os místicos espanhóis do *Siglo de Oro*, já que só em 1596 apareceria uma nova tradução, do jesuíta Pedro de Ribadeneira².

¹ Os interessados podem colher mais amplos dados biográfico-doutrinários nos seguintes trabalhos: ARMANDO DE JESUS MARQUES, *Os Reimões do Porto e Riba-Douro no século XVI*. Sep. do «Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira», vol. III. Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian), 1962. — *Frei Sebastião Toscano na conjuntura religiosa da sua época*. Sep. da «Revista Portuguesa de História», t. VII. Coimbra (Faculdade de Letras da Universidade), 1963. — *Frater Sebastianus Toscanus, O.S.A. — spiritualis doctrinae auctor lusitanus saeculi XVI*. Sep. de «HELMANTICA — Revista de Humanidades Clássicas de la Universidad Pontificia de Salamanca», n.º 49. Salamanca, 1965. — *Da vida e escritos do humanista português Frei Sebastião Toscano*. Sep. de «Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft. Erste Reihe — Aufsätze zur portugiesische Kulturgeschichte», vol. VI. Münster Westfalen, 1966.

² Sobre a dama que acompanhou a Castela, em 1526, a infanta D. Isabel, noiva de Carlos V e que, depois, foi aia de Filipe II e do infortunado D. Carlos, veja-se: ARMANDO DE JESUS MARQUES, *Dona Leonor de Mascarenhas — a aia portuguesa de Filipe II*, in Actas do «V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros», II (Coimbra, 1965), pp. 445-467.

Sobre a funda impressão que causou a Santa Teresa a leitura do livro que Sebastião Toscano acabara de traduzir para o idioma castelhanu, ouçamo-la a ela própria: «En este tiempo me dieron las *Confesiones* de San Agustín, que parece que el Señor lo ordenó, porque yo no las

Se nos ativermos, porém, ao que o ilustre graciano publicou de raiz, podemos agrupar o seu espólio literário em quatro géneros: Epistolografia, Parenética, Espiritualidade e Exegese Bíblica.

O género epistolar é representado por quatorze cartas inéditas, que em breve daremos à estampa. Estão escritas em português, latim e castelhano. Endereçou-as quase todas a Seripando, diante de quem esgrime — puxando à colação os seus clássicos — os próprios talentos literários³.

Passando à oratória, digamos que o eremita agostiniano pregou muito, mas que ficou quase tudo manuscrito e se deve ter perdido sem remédio. Resta-nos só um fragmento do mencionado sermão anti-filipista e a 'Oração fúnebre' de Afonso de Albuquerque', que pronunciou em Santa Maria da Graça, em 1566, e saiu dos prelos de Manuel João nesse mesmo ano⁴.

procuré ni nunca las había visto... Cuando llegué a su conversión y lei cómo oyó aquella voz en el huerto, no me parece sino que el Señor me la dió a mí, según sintió mi corazón; estuve por gran rato que toda me deshacia en lágrimas...» Cf. 'Libro de la Vida', cap. 9. Na ed. da BAC (Madrid, 1962): p. 42.

³ A título de exemplo, citemos duas breves passagens — uma em latim, outra em castelhano — de duas missivas dirigidas a Seripando:

a) «In aliis aliis sunt magni, inquit ille Lyricorum pater: Ἐτ, ἄλλοισι δ' ἄλλοι μέγιστοι. Sibi viderit, quicumque sunt illi in aliis magni. Ego vero apud tuam celsitudinem videor primas vendicasse, quod gratiam in oculis tuis invenirem. Nam in me quid offendisti, sanctissime pater, quod vilem hunc homuncionem posset apud tantum Principem commendare, nisi tuam in teipso bonitatem, quae me sic gratiosum fecit?»

b) «Si yo soy hijo de aquel gran padre Agustino, que no quería más de amar y ser amado — este era su querer, su condición, su genio! —, que maravilla si en esto soy semejante a my padre?! (...) Y porque el tiempo que estuve en el servicio de Vuestra Señoría conoci ser un gran servidor y gran amante de este Señor de todos, yo le amé a Vuestra Señoría, y amo, con el amor, lealtad, fe y cortesía mayor que pienso — si no me engaña amor — ser señor de siervo amado. Y si yo me engaño, dichoso tal yerro que me dá tanto contentamiento».

⁴ É ao descrever a atrás referida batalha de Alcântara, que Pero Roiz Soares fala de Sebastião Toscano. O exército espanhol entrara em Lisboa, afirma ele. E porquê? Porque «tudo estava vendido e arrematado, como depois o pregou na Sé de Lisboa o grande pregador Toscano, de Nossa Senhora da Graça, sem nenhum temor, dizendo:

— Que era feito da fama dos portugueses, da honra dos vencimentos que sempre tiveram, vencendo e conquistando tantos reinos, tantas con-

No terreno da Espiritualidade, Frei Sebastião Toscano afixou-se com a publicação da *Mystica Theologia*, impressa em Lisboa, em casa de Francisco Correia, em 1568. O Doutor Gonçalo de Illescas, «su íntimo amigo», vertê-la-ia ao castelhano, dando-a à estampa em Madrid, na oficina de Francisco Sánchez, no ano de 1573⁵.

quistas, sendo de todos tão temidos, tão venerados? Quem venceu estes Cepiães? Quem venceu estes que nunca de ninguém foram vencidos? Quem pôde com eles? Quem os desbaratou? Quem lhe tirou o valor de tantas vitórias? Quem nos pôs por terra?

—Quereis saber quem desbaratou estes de quem tantas façanhas estavam escritas? Venceu-os meia folha de papel, com um sinal ao pé!»

Cf. *Memorial* de Pero Roiz Soares, leitura e revisão de Manuel Lopes de Almeida, Coimbra 1953, p. 180.

Quanto à 'Oração fúnebre de Afonso de Albuquerque', já em 1862 lhe chamou Inocêncio «um dos livros mais raros da nossa literatura, e do qual não pude ver até agora algum exemplar». Felizmente, mantém-se na Torre do Tombo o espécime que viu lá Figanière e, depois, apareceu outro na Biblioteca Pública de Évora. Tivemos o prazer de reeditar este texto na «Revista de História das Ideias», t. III, Universidade de Coimbra (Centro de História da Sociedade e da Cultura), 1981, pp. 267-313.

⁵ É também um livro raríssimo, quer se considere a edição portuguesa, quer a castelhana. Reportando-nos aqui apenas à primeira, diremos que só se sabe da existência de dois exemplares: o que foi da antiga livraria Manizola e agora se encontra na Biblioteca Pública de Évora; e outro que se guarda na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Não foi sempre assim, todavia. José dos Santos (*Catálogo da importante e preciosíssima livraria que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e Samodães*, t. II, Porto 1922, n.º 3381) fala-nos dele: «Obrinha, no seu género, algo interessante e muito estimada». Só algo interessante, por causa do assunto?

Na biblioteca particular de Filipe II, além da versão castelhana das *Confissões*, levada a cabo por Sebastião Toscano, achava-se igualmente a sua *Mystica Theologia*, em português, segundo nos informa o agostinho Guilherme Antolín (*La Librería de Felipe II*, in «Boletín de la Real Academia de la Historia», XC (1927), p. 418).

Por fim, ainda conseguimos apurar que existiu outro espécime numa livraria conventual, de acordo com uma lista de «Livros que vieram dos conventos da provincia», existente na Torre do Tombo e que diz assim, sob a letra S: «Conceição — Frei Sebastião Toscano, da Ordem de Santo Agostinho: *Mystica Theologia*, na qual se mostra o verdadeiro caminho para subir ao céu, conforme os estados da vida humana. 1 f. de 8, Lisboa 1568» (*Mans. da Livraria*, 1910, f. 158v). Esta lista há-de ter sido organizada aquando da exclausuração, em 1834, e Deus sabe onde parará agora esse precioso espécime.

Por fim, veriam a luz da publicidade os *Commentarii in Ionam Prophetam*. São a sua obra mais densa e saíram em Veneza, «apud Ioannem Baptistam Somascum», ano de 1573⁶.

*

Perseguido um bosquejo biográfico de Frei Sebastião Toscano, alinhada a notícia bibliográfica das obras que nos legou, detenhamo-nos na *Mystica Theologia*.

Apesar do título, a obra contempla todo o conjunto da vida espiritual, da sua natureza, condições, meios e exercícios — que não apenas as graças de oração infusa. Mais ainda: o seu conteúdo não só se não limita à doutrina da contemplação, senão que os capítulos menos originais são, justamente, os dedicados a tal doutrina, no fim do livro. O que não aconteceu por acaso...

Em 1559, saíra em Valladolid o *Catalogus librorum qui prohibentur* do inquisidor geral Fernando de Valdés. Entre outras coisas, mandava recolher as primeiras edições do *Audi, filia*, de S. Juan de Ávila, do *Guía de Pecadores*, de Frei Luís de Granada, e da *Obra del Cristiano*, de S. Francisco de Borja.

Decerto, Sebastião Toscano estava em Portugal, onde a religiosidade corria menos riscos que no vizinho reino, então salpicado de «alumbrados»... De acordo, era bem mais branda a nossa Inquisição que a sua congénere de além-raia... A verdade é que o agostinho não estava nada interessado em criar complicações, ele que, em 1550, já fora denunciado duas vezes ao Santo Ofício por certas coisas ditas num sermão e que, em 1560, regressara a Portugal de um doloroso exílio de dez anos.

Como já foi agudamente notado, não há-de ter dito no seu livro tudo o que sabia acerca da chamada via unitiva. E o que disse, disse-o bem aferrado a S. Tomás de Aquino, a S. Gregório Magno, a Santo Agostinho, à escola vitorina...

No tocante, porém, às matérias que depois se denominaram de âmbito «ascético», já Sebastião Toscano se sente à vontade

⁶ Trata-se de um belo livro em que Sebastião Toscano — num latim meio humanista, meio eclesiástico — vai esmerilhando interpretações com argúcia, aparato crítico e pendor fortemente ascetizante. No fim, como se desse conta de ter caído numa certa prolixidade, escreveu um breve resumo, a que chamou 'Jonas Paraphrasticus'. O estilo torna-se então mais solto e elegante e o relato ganha uma cadência mais rápida e apaixonante.

e se alarga em considerações de mais vincado cunho pessoal. Com tais matérias, organizámos a presente antologia, escolhendo uma série de capítulos enquadrados nestes três parâmetros: 1 — serem representativos do *temperamentum* espiritual do autor; 2 — darem uma ideia da beleza formal do livro; 3 — terem a ligá-los uma certa unidade intrínseca.

Não começemos, todavia, com a nossa selecção de textos sem lhe antepor alguns parágrafos, que melhor a introduzam e sirvam de guião ao leitor.

*

Antigo estudante de Leis em Salamanca, Sebastião Toscano saca, logo a abrir, dessa sua primeva formação jurídica explicando-nos, com segurança de doutrina e clareza de conceitos, que a lei natural, e as leis humanas que nela se fundamentam, bastariam ao homem se o seu fim fosse puramente natural; mas «por ser o homem ordenado ao fim da bem-aventurança eterna (...), foi necessário que, além da lei natural e humana, fosse também encaminhado a seu último fim por ãa lei dada divinamente».

O agostinho faz, a seguir, uma discreta apologia do estado religioso ao dizer que, vistas as coisas mais de perto, «esta estrada real dos mandamentos de Deus» nem sempre é a melhor. Na verdade, por tal estrada, «vai muita gente de pé e de cavalo — homens, mulheres, casados, solteiros, clérigos e seculares, religiosos e soldados, moços e velhos de todo estado — e alguns destes mimosos que, não podendo ir a pé, não se contentando de ir a cavalo, vão em carros, carretas, andas, liteiras e, ainda vivos, em ataúdes. Daqui e das roupas largas que levam — de loubas e capuzes, com grandes fraldas —, se levanta grande pó, que muitas vezes cega os caminhantes». Pela qual razão, alguns espíritos delicados de homens e mulheres, não podendo sofrer o arruído do mundo e enfadamento de tão longo caminhar, buscam uns atalhos secretos, que são os conselhos — «por onde vão mais cedo ver a Deus, por quem brama seu espírito».

Cuidado, porém: qualquer que seja a via por que nos decidamos, o caminho do Céu é trabalhoso de achar e achado, de caminhar por ele. Nasce tal dificuldade de estar a virtude no meio, «ao qual não nos sabemos chegar, apartando-nos quanto

devemos dos extremos» — verdade que Sebastião Toscano amplamente desenvolve, bem fundamentado no Estagirita. Só que, mestre da metáfora e apaixonado do real quotidiano, não se contém que não aduza, em abono de tal verdade, «uma maravilhosa comparação: a dos que jogam à barreira. Aí «se vê ser cousa dificultosa dar no meio do alvo, ou fito, a que tiram. Porque não há mais de um caminho direito pera dar no meio do tal branco; mas pera errar há cem mil: alto, baixo, avesso».

Sem embargo do que fica dito, o caminho do Céu é muito fácil e bom de caminhar com a graça divina. Além de outras razões, duas principais se podem alegar: «o prémio eterno, que se dá aos vencedores por temporal e pequeno serviço; e a graça e ajuda grande, que o Senhor nos dá pera levarmos seu jugo».

Chegados a este ponto, talvez pensemos que o nosso espiritual vai enveredar por suculenta digressão teológica sobre a Graça e os Novíssimos. Mas não. Prefere utilizar, de novo, a metáfora deixando-se prender do mesmo quadro bíblico que inspirou a Luís de Camões o soneto — «Sete anos de pastor Jacob servia / Labão, pai de Raquel, serrana bela...»

Ora continuemos com o seu discurso: no áspero caminho do Céu, tão grande é a ajuda que a lembrança do prémio eterno dá, como «o largo tempo de sete anos e o duro trabalho pastoril de guardar Jacob o gado de seu tio Labão em terra de Mesopotâmia, onde era peregrino, lhe fez suave e fácil o amor da fermosa Raquel, que por mulher esperava».

Enfim, tudo vai (ou muito vai) do exame que se tiver em tomar estado de vida. E aqui Sebastião Toscano deixa transparecer um tino psicológico fora do comum: «os que querem aprender algum ofício, se são sábios, primeiro se aconselham com a inclinação de sua natureza, por ver se os leva ao tal ofício, e dão-se àquela arte a que a natureza os inclina, sabendo que a deleitação em tal ofício — como diz Aristóteles — faz a obra perfeita; como, polo contrario, respondem mal os engenhos forçados».

Daí nasce, também, que «os pais discretos, que tem muitos filhos, se lhes querem dar vida conforme ao que devem, olham e consideram as inclinações e afeições dos moços e, conformando-se com elas, lhes dão as artes e ofícios». Deste modo, «os que vêem travessos e belicosos, inclinados às armas, mandam-nos aprender ofícios de guerra (...); aos «recolhidos, mansos, quietos

e inclinados às letras, mandam-nos aos estudos aprender (...); guardam, enfim, a mesma ordem com os que vêem inclinados à mercancia ou ao paço, ou qualquer outro género de vida».

Os assim doutrinados — isto é, por conselho e propensão natural — «vieram a ser, não só bons discípulos, mas ainda mestres acabados». Pelo contrário, os que a alguma arte sem consideração se deram, «muitos tornaram atrás e deixaram os ofícios que começaram mal».

Eis aqui — em rápida panorâmica — um quadro mental, afectivo e literário da antologia que se segue.

Quais são as fontes da *Mystica Theologia*?! — É análise que não cabe na estreiteza do espaço concedido a esta introdução⁷. Digamos, não obstante, que, filosoficamente falando, o cerne da obra é aristotélico (com alguns ressaibos platónicos); a sua coloração espiritual, agustiniana; a sua fábrica arquitectónica, híbrida; os seus engastes humanistas cheios de beleza, embora enfermem por vezes de certo ar postiço.

O cerne aristotélico advém-lhe da *Summa Theologica*; os ressaibos platonizantes e a cálida temperatura humana, da filiação agustiniana do autor. É híbrida a sua fábrica porque nela pesam muito, ainda, os motivos «velhos», de clara estampa medieval, à mistura com os «novos», de arejado contributo renascentista. Cheiram ao postiço certos ornamentos literários porque foram bebidos em florilégios, claramente se intuindo que as citações directas do autor não vão muito além de algumas figuras de maior porte, como Virgílio e Horácio, no que tange aos clássicos latinos, e Homero e Píndaro, no que concerne aos gregos.

Numa palavra: arrimados à *Mystica Theologia*, não iremos demasiado longe na demanda e reivindicação de uma sonhada originalidade da nossa mística de Quinhentos. O livro não é, porém, uma mera colectânea de lugares comuns; é, sim, uma síntese inteligente, vitalmente assumida e pulcramente escrita de doutrinas mais ou menos clássicas e tradicionais.

⁷ O leitor interessado pode ver um primeiro afloramento das fontes em: MARIO MARTINS, *A «Mística Teologia», de Frei Sebastião Toscano*, in «Biblos», XXXII (Coimbra, 1956), pp. 401-429. No mesmo trabalho, encontrará uma mais extensa (e excelente) caracterização geral da obra.

LIVRO PRIMEIRO

Cap. III — *Como a lei divina é caminho pera o Céu*

Logo no princípio do mundo, quando Deus criou os nossos primeiros padres, pera o conhecerem e, conhecendo, amarem e, amando, gozarem d'Ele e, gozando, terem por sua perpétua e eterna herdade, fez-lhes um caminho no coração, polo qual a Ele caminhassem, que foi a lei natural, que é ãa participação da lei eterna na racional criatura. Este foi tão bom caminho — tão largo, tão seguro e tão espaçoso (como uma estrada mui larga) — que, a não se apartarem os homens daquele caminho da natureza bem instituída antes de sua corrupção, todos foram ao Céu sem nenhum trabalho, nem morte, nem outros enfadamentos que sintem os caminhantes: uns, por razão da idade ou por a desposição; outros, por falta do necessário. Mas, todos alegres e seguros — grandes e pequenos, a pé e a cavalo — todos chegaram à nossa cidade santa de Jerusalém, pera que fomos criados.

Esta lei e caminho é como fonte e princípio donde as leis humanas e escriptas nadem e se resolvem nela. Polo qual diz Túlio na *Retórica* que o direito humano tem origem e princípio da natureza. E Nosso Senhor Jesu Cristo, havendo dado no Monte a sua lei santa, recapitulou e somou o que havia dito nestas palavras da lei natural, dizendo: «Tudo aquilo que quereis que façam por vós os homens, fazei vós por eles». Sobre estas palavras, diz Teofilacto: «Breve caminho nos mostra o Senhor pera alcançarmos a virtude». (...)

Cap. IV — *Como a lei divina é caminho pera o Céu.*

Além do caminho largo da lei natural, foi necessário o caminho da lei divina para nos encaminhar ao Céu porque, como

o homem é encaminhado a fim sobrenatural, que é nossa bem-aventurança, foi necessária, além das duas leis, natural e humana, outra, sobrenatural e divina, como caminho que o leve à glória. Porque, por a lei é o homem encaminhado a próprios actos, ordenados ao último fim; e, se o homem fosse ordenado somente a um fim que não excedesse a medida de sua natural possibilidade, não lhe seria forçado buscar meio sobrenatural que a tal fim o guiasse, porque a lei de natureza lhe bastava; mas (deixadas outras razões que se podiam trazer a este propósito), por ser o homem ordenado ao fim da bem-aventurança eterna, que passa além do poder de nossas forças humanas, portanto foi necessário que, além da lei natural e humana, fosse também encaminhado a seu último fim por uma lei dada divinamente.

Esta lei pedia David ao Senhor quando dizia: «Senhor, põe-me lei que a Ti me leve. Dá-me, Senhor, lei em que viva, que é o caminho para ir a Ti, e andarei sempre por ele». (...)

Cap. V — *Dos atalhos para ir ao Céu, que são os conselhos*

É verdade que, se caminharmos sempre por esta estrada real dos mandamentos de Deus, iremos ao Céu, a ver este grande Deus de Sião, e alcançaremos a vida eterna, como o Senhor disse àquele príncipe que lhe perguntou que faria para se salvar. Ao qual o Senhor respondeu que guardasse os mandamentos da Lei.

Mas, na verdade, como por este caminho real vai muita gente de pé e de cavalo — homens, mulheres, casados, solteiros, clérigos e seculares, religiosos e soldados, moços e velhos de todo estado — e alguns destes mimosos que, não podendo ir a pé, não se contentando de ir a cavalo, vão em carros, carretas, andas, liteiras e, ainda vivos, em ataúdes, daqui e das roupas largas que levam — de loubas e capuzes, com grandes fraldas —, se levanta grande pó, que muitas vezes cega os caminhantes. E com isto os encontros dos que perguntam e o estorvo das cargas doutros que levam fazendas não detêm poucos que caminham. Como dão pena a grita dos moços, as vozes, os alaridos e desordem da variedade das gentes — que tudo desassossega os que buscam quietação e repouso.

As vezes, é necessário navegar pelo mar, onde as rémoras (peixes pequenos) detêm grandes naus e navios. E com isto cossaios, que roubam aos que trazem em público seu tesouro. As vezes, caminhar pela terra, onde não há seguro. A uns encantam sereias e, a outros, fazem monstros portentosos mil diferenças de Circes encantadores, a que não pode dar remédio o Moli de Mercúrio. E o pior que é, que — em lugar de himnos sanctos — se ouvem os encantamentos dos líbicos monstros, que o rei de Líbia amansar sem Mercúrio não pode.

Pelo qual, alguns espíritos delicados de homens e mulheres, de melhor inclinação natural e da graça favorecidos, verdadeiramente zeladores do nome cristão (cuja virtude não podem trazer sepultada), temendo perder suas grandes esperanças, que tem nas promessas divinas, e não podendo sofrer o arruído e desassossego do mundo e o enfadamento de tão longo caminho e mar assi tempestuoso, gritam com David dizendo: «Ai de mim, que assi é largo este meu desterro! Triste de mim, que farei em tão larga jornada? Que farei, que moro com gente que está às escuras! Ó quanto há que anda desterrada minha alma! Ó alma, quando chegaremos, quando veremos a face daquele Senhor em cuja visão está nossa bem-aventurança? Ai Deus, quando te verei? Veja-te eu, já, e custe-me a vida!»

Os que são destes desejos e têm de Deus saudades, não se contentam de caminhar para o Céu por a estrada real por onde todos caminham (ao menos de necessidade são obrigados, se querem entrar na vida), mas buscam uns atalhos secretos, estreitos e dificultosos de caminhar, mas muito mais sem arruído e de mais breve e seguro caminho; e por onde vão mais cedo ver a Deus, por quem brama seu espírito.

Destes atalhos, para os espirituais, fez o Senhor muitos, que chamam conselhos: porque não forcem a ninguém ir por eles, salvo aos que querem ser perfeitos. Como o Senhor disse àquele mancebo, ao qual mostrou o caminho real e grande para ir ao Céu (que era o dos mandamentos de Deus): «Se queres ser perfeito, vai e vende quanto tens; e dá-o aos pobres. E isto que deres, não o perderás; antes, dele, depositarás um grande tesouro no Céu. E isto feito, vem e segue-me pela vida e pela doutrina e trabalhos, fazendo o que me vires fazer». (...)

Cap. VI — *Da teologia escolástica e mística*

Esta maneira de conhecer e amar a Deus, segui-lo e tratar com Ele, chamam os Gregos teologia, que quer dizer: ciência de Deus; ou trato e conversação de Deus, ou com Deus.

Mas hai duas maneiras de teologia: ãa é dos letrados, que se alcança pelas Escrituras do Novo e do Velho Testamento e dos Santos Doutores, que de Deus falaram, pregaram e ensinaram nas escolas. Esta comumente chama-se escolástica, porque se ensina nas escolas, onde se recebem os graus de Bacharéis, Licenciados e Mestres em Teologia. Estes sabem falar, disputar, pregar e ensinar as cousas de Deus, conforme às palavras, termos e maneiras que os letrados tem em suas escolas ordenado.

As diferenças dos letrados, que nas escolas há, são como as dos mareantes, entre os quais uns são pilotos, outros mestres, outros marinheiros, com outras diferenças de homens deste officio. Estes tem por principal officio mostrar o caminho polo mar aos navegantes, por onde guiam os capitães, mercadores, passageiros, que, não sabendo tanto do caminho, seu principal intento é enriquecer-se dos bens que dá a terra para onde navegam, como o principal intento do piloto e dos marinheiros é mostrar as terras, mais que negociar nelas, ou enriquecer-se dos bens que nelas há.

Desta maneira, parece que alguns teólogos escolásticos tomam por principal intento da teologia que sabem, o falar, pregar e ensinar de Deus, mais que aproveitar-se do que dizem. E assi, vemos, em effecção, muitos com sua doutrina fazer varões espirituais e divinos, ficando eles (sendo os mestres) humanos e fracos; como muitos pilotos levar à Índia mercadores, que trazem de lá o fino ouro e ricas pedras de Oriente, tornando eles (que os encaminharam) pobres pera suas casas.

Outra teologia há (que não é a cabalística dos judeus, nem a que muitos difusamente trataram), mais comum e devota, conforme ao que pregamos aos humildes, a qual todos podem saber, ou (melhor dizendo), sentir e gostar. Esta teologia é de gente recolhida e devota, dada à oração e contemplação. Esta consiste mais em sentir de Deus dentro da alma por um alumiado conhecimento — doce, suave e amoroso —, que em sabê-la ensinar por palavras, a qual é como um maná do Céu, que ninguém sabe que cousa é, senão o que dentro de si o gosta e sente.

Desta diz S. João no Apocalipse, que lhe dissera Deus: «Ao vencedor darei o maná escondido e ãa pedra preciosa branca; e, na pedra, um nome novo escrito, o qual ninguém sabe senão o que o recebe».

Esta ciência de Deus chamam os Gregos mística teologia, que quer dizer, em nossa língua: trato, ou language secreto de Deus. Não se ensina, nem se aprende esta teologia nas escolas, com sutis argumentos, nem com engenhosos silogismos; mas, sem letras humanas se alcança, com muito gosto e sentimento do amor de Deus, por inspirações divinas, como diz David no Salmo 70: «Porque, Senhor, não soube letras por humano estudo adquiridas, entrarei em vossas grandezas».

LIVRO SEGUNDO

Cap. V — *Da dificuldade que há em achar o caminho do Céu e em caminhar por ele*

O caminho da vida é trabalhoso de achar por estar a virtude (como dissemos) no meio, ao qual não nos sabemos chegar, apartando-nos quanto devemos dos extremos. Achareis quem vos ensine e aconselhe a penitência; mas é cousa mui dificultosa achar um varão prudente que nisto vos saiba pôr modo e medida. É fácil cousa achar quem louve a liberalidade e gaste largo; mas fugir dos dous extremos, avareza e prodigalidade, e vir à linha do meio, em que a virtude está posta, é cousa mui dificultosa. Portanto, disse o Senhor: «poucos são os que acham este caminho da porta estreita que leva à vida», que é a virtude, que no meio consiste.

O que digo destas duas virtudes, entendo de todas as outras — que não pode ser virtude o que não for regulado com a regra da prudência.

Quanto isto seja dificultoso nos amostra o Senhor, dizendo: «Quem cuidas que é fiel servo e prudente?» Como se mais claro dissera: — A virtude é mui rara.

Esta verdade é tão verdadeira, que ainda os cegos gentios a viram, onde um deles disse: «Hai um certo modo nas cousas, e uns certos limites delas, além, nem aquém dos quais, não consiste a virtude».

Assi é que tem as cousas seus meios e modos, pesos e medidas, seus certos termos, que, se além passamos, por mais bens que façamos, não seremos por isso virtuosos: porque, posto que as cousas que assi fizermos sejam boas, não serão bem feitas. Bem disse o melífluo Bernardo que a virtude não estava nos nomes, mas nos advérbios; e Aristóteles diz que não está no bom, mas no bem, que é o mesmo.

Assi, que fica o nosso caminho da virtude mui estreito, porque está em um ponto que, apartando-nos dele, imos fora do caminho. Mas o da perdição é mui largo, porque se estende por ũa e por outra parte fora do meio. Como no círculo a linha que passa polo centro é estreita, mas a superfície de ũa e outra parte é espaçosa. De maneira que, dizemos este caminho ser largo porque não hai um certo modo de obrar mal, mas de qualquer maneira que quisermos.

Chama-se também fácil o caminho dos maus, e largo, porque os maus não tem lei que os constrinja e lhes faça força, mas tem largo o campo, e podem seguir tudo o que os deleita. Como disserom os néscios na Sabedoria de Salamão: «Vinde, demo-nos a prazer e bom tempo, metamos o bom dia em nossa casa, gozemos disto que vemos, pois que pera nós, depois da morte, não hai outra coisa». E vierom a tanto desatino, por não terem lei que os refreasse, que disserom como desenfreadas bestas: «Não haja prado verde, nem florido, por onde nossa luxúria não passe».

Vista a dificuldade do caminho do Céu, por ser das virtudes (que consistem no meio, como dissemos), tem outra segunda, que é caminhar por este meio depois de achado (porque o bem não se pode fazer senão de ũa só maneira, que é guardando todas as circunstâncias). Polo contrario, o caminho dos vícios é mui fácil, que é faltando qualquer delas. Porque não há um certo modo de obrar mal, mas podemos fazer mal de qualquer maneira que quisermos. Como diz Aristóteles, que o pecar acontece de infinitas maneiras, mas o bem fazer não pode ser senão de ũa, porque não tem mais daquela linha direita, que não tem profundo nem plano por onde se possa desviar nem estender, mas ũa só longa mui estreita, que é ũa das três medidas do corpo.

Vêde se isto quis dizer Sant'Iago, quando disse: «Quem em ũa cousa errar, fica culpado em todas». Aqui se pode dizer: — Quem erra ponto, erra todo. Bem entenderam esta dificuldade do obrar conforme a virtude os Apóstolos, pois muitas vezes dezião ao Senhor, tratando com Ele deste caminho do Céu: «Senhor, quem se salvará?» Ele lhes respondia: «Impossível é aos homens, mas possível é a Deus».

Dá-se pera esta verdade ũa maravilhosa semelhança, dos que tiram ou jogam à barreira, onde se vê ser cousa dificultosa

dar no meio do alvo, ou fito, a que tiram. Porque não há mais de um caminho direito pera dar no meio do tal branco; mas pera errar há cem mil: alto, baixo, avesso. E debaixo de cada um destes três há cem mil erros. No baixo, mil modos de baixo, com um processo infinito, como se vê nas cousas mal ordenadas. E o que digo deste erro, digo de todos.

A segunda razão da facilidade de caminhar pelo caminho dos vícios é porque, o que obra mal, não sente dificuldade, pois obra conforme à natureza corrupta e depravada, ou (por melhor dizer), conforme à inclinação da depravada natureza. Porque não há cousa mais conforme a ela, bem instituída, e ao homem no estado em que Deus o criou, que é a virtude; nem mais contra ela que o pecado. E como ela agora está tão gastada (o que com nosso dano sentimos), é-nos cousa dificultosa caminhar pela virtude.

Estreito é, e mui dificultoso, deixar todas as cousas por tua só; e amar os inimigos; e outras cousas desta qualidade que o Senhor nos manda. Portanto nos exorta Ele, como capitão a seus soldados, ao entrar na batalha perigosa, que não temam cousa, que se lhes ofereça, de perigo e trabalho. Mas que vão adiante, posposta a honra e o prémio que esperam.

Desta maneira, diz o Senhor: «Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição, por onde muitos caminham. Quão estreita é a porta e pequeno o caminho que leva à vida; e poucos o acham!» Isto diz mais craro o Senhor e faz mais força nesta exortação, tomando ocasião de um que lhe perguntava se eram poucos os que se salvam, dizendo: «Porfiai por entrar pela porta pequena». Disto dá razão dizendo: «Porque muitos quererão entrar e não poderão».

Quer dizer que a cousa é tal que tem necessidade de pôr-lhe os ombros, pois muitos quererão entrar e não acharão por onde. E se esses, que tem vontade e alguma cousa por isso trabalham, contudo não podem entrar, que farão os que tem pouco cuidado e nada trabalham por entrar?

Está craro, polo dito, quão dificultosa cousa seja achar o caminho do Céu e quanto mais dificultoso caminhar por ele.

Cap. VI — *Que, sem embargo do dito no capítulo precedente, o caminho do Céu é muito fácil e bom de caminhar com a graça divina*

Não é contraíro o que o Senhor disse: ser o caminho do Céu estreito (isto é, sua Lei e seus Mandamentos ser dificultosos de guardar), ao que Ele mesmo disse: «Meu jugo é suave e meu peso, leve». Quer dizer: minha lei e meus preceitos não tem em si dificuldade; antes, quem sobre si os tomar por amor e vontade, ser-lhe-á fácil cumpri-los.

Nem é contraíro o que diz S. João: «Seus mandamentos não são graves de cumprir, antes mui fáceis». Disto dá logo razão, dizendo que «todo o que nasce de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que vence o mundo, nossa fé».

É verdade que as obras justas dão execução à vitória. Mas a fé viva é a que manda (como Imperatriz e Senhora) aos soldados e combatentes, que são as virtudes e obras meritórias.

Dizer o Senhor que o seu jugo é suave e sua lei fácil, além de outras razões que há pera ser assi, duas são principais: o prémio eterno, que se dá aos vencedores por temporal e pequeno serviço; e a graça e ajuda grande, que o Senhor nos dá pera levarmos seu jugo. Sem o qual favor e graça não poderíamos levá-lo. O largo tempo de sete anos e o duro trabalho pastoril de guardar Jacob o gado de seu tio Labão em terra de Mesopotâmia, onde era peregrino, lhe fez suave e fácil o amor da fermosa Raquel, que por mulher esperava.

Entendeu e sentiu isto David, quando dizia: «Senhor, não só caminhei, mas corri e voei polo caminho de vossos mandamentos, com as asas de vosso amor, que me destes».

De maneira que temos tirado em limpo ser mui difícil caminhar polo caminho das virtudes sem a graça e favor divino; e mui fácil andar por ele com o amor, que no trabalho não sente trabalho. Antes, como diz o grande padre Agostinho: «Quem ama não trabalha».

Isto se vê craro no tirar e levar qualquer peso com dous brutos animais, que, sem rodas, com muita dificuldade o levam, mas, com duas, facilmente. Desta maneira, com as duas rodas do amor de Deus e do próximo, corremos mui carregados e ainda presos. «Assi (diz o mesmo grande padre africano Agostinho),

corria por todo o mundo o que, na cruz crucificado, dizia: — Padre, perdoa-lhes, que não sabem o que fazem».

Cap. VII — *Que, sem embargo do que atrás se disse, irem poucos polo caminho do Céu, dizemos que muitos vão por ele*

Parece, na verdade, por ùa parte, que poucos vão por este caminho do Céu, pois o Senhor diz ser estreito e achado de poucos (porque por tal caminho, ao menos a par e a juntos, parece que podem ir muito poucos; e o mesmo diz o Senhor naquelas palavras: «Muitos são os chamados e poucos os escolhidos»). Polo contrario, parece que muitos vão por ele, pois muitos chegam ao fim desta jornada, e não chegam senão os caminhantes, que é este o nosso nome, dos cristãos, enquanto estamos neste mundo peregrinos e estrangeiros.

Do dito temos testemunha de vista a S. João, o qual diz no Apocalipse haver visto grande número de gente, que não se podia contar, de todos os povos, nações e línguas da terra, os quais estavam diante do Trono, em presença do Cordeiro, vestidos com roupas brancas e palmas nas mãos, dizendo com grande voz: «Saúde seja ao nosso Deus, que está assentado sobre o Trono, e ao Cordeiro».

O mesmo diz o Senhor: «Muitos virão do Oriente e de Ocidente e se assentarão com Abraão, Isac e Jacob no reino dos Céus, e os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores».

A esta dificuldade responde o príncipe dos doutores, Agostinho, dizendo: «Esses mesmos bons e verdadeiros cristãos, os quais por si são muitos (como o Senhor disse: *Multi venient*, e S. João no Apocalipse: *Vidi turbam magnam*), se dizem poucos em comparação dos maus e dos falsos».

Desta maneira, os grãos de trigo, que são muitos, pois que deles se enchem as grandes tulhas e celeiros, esses se dizem poucos em comparação das muitas palhas que se queimam, e leva o vento, e se enchem os palheiros. Assi, são muitos em si os peixes gostosos, que são poucos em comparação das muitas e amargas gotas do mar salgado. Assi também (por que falemos do testamento do Senhor, feito a Abraão, de sua semente, que é Cristo), muitas são as estrelas, que não podemos contar, com

as quais o céu por todas as partes resplandece e essas mesmas são poucas, em comparação das areias do mar.

Porventura (diz o grande padre), as estrelas significam os bons cristãos, varões espirituais, e as areias do mar os homens carnis, polos quais se fazem as herejias, sectas e cismas. E de tudo isto está cheio este mundo de trigo e de cizânia, como o disse o que errar não pode: «Deixai crescer tudo, cizânia e trigo, até o tempo da sega».

O que, não sabendo Crescónio hereje, que não entendia as Escrituras, vendo que em ùa parte dizia serem muitos os chamados e poucos os escolhidos, querendo favorecer os poucos de sua secta em comparação dos muitos católicos, dizia: «Comumente, o errar é dos muitos e o acertar dos poucos». Ao qual respondeu o grande Agostinho, dizendo: «Não há cousa que tão bem responda a todas tuas cousas como a causa dos Maximianenses. Se nos poucos (como tu dizes) está comumente a verdade, consente que os Maximianenses, quanto são a vós menos em quantidade, tanto vos vencem na verdade. — Isto tu não o queres?! Nem menos queiras gloriar-te de serdes poucos com vitupério nosso dizendo que somos muitos...»

Fica provado não haver contradição em chamar os eleitos poucos e muitos: como as estrelas do céu em si são muitas, que, em comparação das areias do mar, são poucas.

Cap. VIII — *De uma breve exortação ao caminho do Céu, visto que é fácil de caminhar*

Sabido, polo dito, que o caminho do Céu é mui suave e fácil, e o jugo do Senhor mui leve pola unção do Spírito Sancto, e que muitos vão por este caminho, de todos estados e condições de pessoas, não sejamos covardos, nem temamos fazer o que outros fizeram.

Ponhamos os olhos na honesta, rica e fermosa face da virtude, a qual, se craramente vissemos, nos faria deixar todo o mais que não fosse ela. Olhemos como nos chama e convida, estendendo suas mãos piadosas, cheias de companhias de bons exemplos, pera nos receber e abraçar. «Ali veremos tantos moços e donzelas de toda idade, virgens, casadas, viúvas, moças e velhas, grandes e pequenos, de toda sorte de gente. E em nenhum deles a continência ser estéril, mas fértil mãe de alegres virtudes, que

são filhos dos quais Tu, Senhor, és pai. Esta se ri e nos repreende brandamente com o riso, que assi nos leva, dizendo: — Tu não poderás o que estes podem?»

Cuidas que estes podem por suas próprias forças e não por as divinas? Porque estás e não estás em ti? Arremessa-te a Deus e não temas cair, que não se apartará de ti. Deita-te seguro, que Ele te receberá e salvará. Porque lançar-te por outra parte e tirares-te fora deste caminho? Em todos os outros acharás trabalho e dificuldade. E, no fim da jornada, te verás derribado em o inferno, como confessam os doudos e perdidos na Sabedoria de Salamão, dizendo:

— Errámos o caminho da verdade, não nos alumiou o lume da justiça, e o sol do entendimento não nasceu para nós outros. Ó como nos cansou aquele caminho da maldade e perdição. Andámos por caminhos mui difíceis e o caminho do Senhor não o soubemos. Que nos aproveitou a soberba? Que bem nos fez o prezarmo-nos das riquezas? Passaram todas aquelas cousas como sombra; e como correio que vai depressa; e como nau que vai cortando as ondas do mar, da qual — depois de passada — não fica rasto nem caminho; e como a ave que vai pelo ar, da qual não fica trilha, mas tudo se acabou e consumiu com o som de suas asas que iam cortando o vento; e como a seta que, apartando o ar, logo se tornou a cerrar, sem se saber por onde caminhou. Assi nós, com nossa maldade nos acabámos e consumimos sem ficar de nós memória.

Isto disseram os maus no inferno. Mas nós, que para gozar de Deus fomos criados, andemos por o caminho de Sua lei e lhe roguemos que assi nos torne, se d'Ele andamos desviados.

LIVRO TERCEIRO

Cap. II — *Que se deve ter exame em tomar vida*

Para que o agente natural possa introduzir sua forma na matéria — que, por ela, se há-de pôr em acto e perfeição —, é necessário que a tal matéria seja desposta para receber a tal forma, como diz Aristóteles no 2.º liv. *De Anima*. Não se ateará qualquer fogo a qualquer lenha. É certo que ãa faísca de fogo não se pegará em um grande rolo de um pau molhado e verde, mas é necessário que o fogo seja conforme à lenha que se há-de acender. Como se vê nos que acendem fogo.

O que digo deste agente activo e natural, que é o fogo, entendo em todos os mais. Vê-se nas artes e nos costumes (como diz Averróis) o que se vê em natureza. Daqui vem que os que querem aprender algum ofício, se são sábios, primeiro se aconselham com a inclinação de sua natureza, se os leva ao tal ofício, e dão-se àquela arte a que a natureza os inclina, sabendo que a deleitação em qualquer ofício (como diz Aristóteles) faz a obra perfeita. Como, polo contrario, respondem mal os engenhos forçados.

Os pais discretos, que tem muitos filhos, se lhes querem dar vida conforme ao que devem, olham e consideram as inclinações e afeições dos moços e, conformando-se com elas, lhes dão as artes e ofícios.

Os que vêem travessos e belicosos, inclinados às armas, mandam-nos aprender exercícios da guerra, dando-se a todo o género de armas. Nestes postos, com a inclinação que para isso tiveram, se fazem os bons soldados, porque tiveram a boa mestra que foi a natureza, que, com a arte, se faz perfeita.

Os que os pais vêem recolhidos, mansos, quietos e inclinados às letras, mandam-nos aos estudos aprender aquelas artes e disciplinas a que os vêem mais inclinados.

Esta ordem tem com os que vêem inclinados à mercancia ou ao paço, ou a qualquer género de vida. E os que assi são

doutrinados nas artes a que se deram por conselho e inclinação da natureza, vierom a ser não só bons discípulos, mas ainda mestres acabados. Pelo contrario, os que a algũa arte sem consideração se deram, muitos tornarom atrás e deixarom os officios que começaram mal.

Quantos vimos, ou ouvimos dizer, que lhes fora melhor dar a muitos vida curando, que na guerra matando imigos. A quantos estivera melhor acolher-se a orar e contemplar, que avogar injustas causas. Como, polo contrario, quantos pareceram melhor no campo que no altar, e lhes estivera melhor a lança na mão ou o remo da galé, que, no altar, o cálix e o governo eclesiástico. Quero dizer, em ãa palavra, que hai muitos maus officiais de seu officio, por o haver tomado sem consideração e sem, de natureza, ter princípio nem inclinação para ele.

Isto nos mostra a natureza, que, dando em ãa parte e sítio da terra o que não dá em outra, avisa ao lavrador sesudo que, se quer ter boas novidades, considere primeiro a terra que a semeie: qual é pera pão, qual pera vinho e outros frutos, porque não são todas pera um, mas ãa pera um e outra pera outro, como diz o poeta.

O mesmo vemos nos homens, que servem com alegria a Deus em um officio, que o não servem assi em outro. Muitos faltam em seus officios (que, por negligência de consideração tomaram, não examinando primeiro suas forças da habilidade e inclinação) e, com vergonha, tornaram do que ãa vez começaram.

E pois nos officios e exercícos corporais há-de haver exame, conselho e larga informação das pessoas sábias nos tais officios, quanto maior conselho há-de haver pera tomar vida espiritual e contemplativa: se nos convém mais este estado, se o da vida activa. Isto nos aconselha o Senhor polo profeta Jeremias, dizendo: «perguntemos pelos caminhos e, depois de bem sabidos, caminhemos».

Muitas vezes, os que cercam algũa cidade ou batem algũa fortaleza, são melhor informados do caminho por um homem lavrador ou pastor, que anda no campo, ou por ãa mulherinha, que vai buscar lenha ao mato, que por um letrado, que não sabe mais que ler nos livros, ou por ãa senhora mimosa e que nunca se levantou do seu estrado. Quero dizer que, nas cousas morais

e exercícos de penitência, muitas vezes nos informarão melhor os sábios da mística teologia, que suas forças provaram por obras de virtude, que os sábios da escolástica, que, das altas teorias e divinas especulações, à prática e obra das virtudes não passaram...

Cap. III — *Dos erros em que caem os homens, por falta de examinar a vida que tomam*

Por não tomar alguns, conselho, na conversão e eleição de vida, lhes acontece tomar aquella que menos lhe convinha. Daqui vem, vemos tantas faltas e monstros nos officios e exercícos, assi do corpo como da alma, como nas obras de natureza, por falta e indisposição da matéria. Donde nace tornarem muitos atrás do que começaram, e deixaram sua determinação primeira, fazendo-se apóstatas dos officios e estados que começaram, fugindo da religião com mil achaques e enganos (com que a si e não a Deus enganam), ficando dobrado piores do que foram se nunca da vida espiritual souberam.

Destes tais, conta ãa triste e larga tragédia o Sumo Pontífice S. Pedro, no segundo capítulo de sua segunda carta, que acaba nesta maneira: «Melhor lhes fora aos tais apóstatas desaventurados nunca haver conhecido o caminho da justiça, que, depois de havê-lo conhecido, tornar atrás, deixando o bem que lhes era comunicado».

A estes acontece aquilo do antigo provérbio: cães que tornaram a comer o que lançaram; e porcos que no lodo se revolvem. Estes, perdida a vergonha aos homens e o temor a Deus, remessam por toda a maldade, como brutos animais desenfreados, dos quais disse David: «Não queirais ser como cavalos, que não tem entendimento». Estes, que na religião não aproveitaram, são piores que os maus do mundo, como os bons na religião excedem aos no mundo virtuosos.

Desta verdade é testemunha o grande padre Agostinho, o qual diz que não viu piores homens que os da religião desaproveitados, nem melhores que os que ali se aproveitaram.

Assi é, verdadeiramente, que há grandes varões nas religiões, homens ilustres, sábios e virtuosos, que tem nome e valia diante de Deus, posto que no mundo não sejam conhecidos (bem

que, nisto vai nada, ou pouco). Ali se vê a fé, a verdade, a religião, a humildade e evangélica pobreza; ali se guarda lei do Santo Evangelho, seus conselhos e a imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo; e vão cantando muitos, com alegria, à sua terra nova.

Como, polo contrario, há alguns que pouco disto guardam, como gente que parece que não veio pera isso; mas buscam o a que vieram: honra e mantimentos.

Uns e outros pinta bem Jeremias no capítulo vinte e quatro de sua profecia, debaixo de nome de muito bons e maus figos. Ao qual, como o Senhor ãa vez perguntasse que via, ele respondeu: «Senhor, vejo uns figos bons e outros tão maus que, de maus, não se podem comer». Estes figos bons e maus, diz ele que viu em dous cestos cheios, postos ante o templo do Senhor. Os bons, de que estava cheio um destes cestos, diz que eram como figos lampos, que significa (segundo diz a grossa), varões religiosos, encerrados na claustra, semelhantes nas virtudes aos da primitiva igreja. Os outros não eram tais, mas ensovalhados. E todos estavam encerrados diante do Senhor no templo.

Os figos temporãos, ou novos, que chamam lampos, são doces e de preço: tais são os homens religiosos que estão encerrados em seus mosteiros. Os outros, a que chamam geralmente baforeiros, são amargos, de má condição e de amarga conversação, descontentes da vida.

Quanto vai em saber escolher estado e provar-se, cada um, pera que é, antes de tomá-lo! Os que entram em religião, devem-no fazer com propósito de deixar o mundo e buscar a Deus. Mas às vezes acontece que alguns vão buscar o mundo aos mosteiros: e por isso há nas religiões muitos mundanos. A religião é piedade e acatamento de Deus; e alguns tomam-na por género de vida. A religião é estado de adquirir perfeição (que nos preceitos e na caridade consiste); e os outros são instrumentos com que ela se alcança. Por isso, os que nela entram, por voto e por obra renunciam a quanto no mundo tinham, por alcançar este real estado e reino do Amor Divino.

Cap. IV — *Quais são os que hão-de tomar este estado de religião*

Muito deve considerar o que quer tomar estado de vida (o qual não pode deixar sem muita confusão) se tem cabedal

pera isto — de condição, criação e natureza; e, sobretudo, se tem do Senhor graça pera a tal empresa, e inspiração particular — porque esta só lhe basta, que graça vence natureza e dá perfeição à cousa principiada.

O que se quer dar à vida contemplativa e entrar em religião, deve bem considerar sua inclinação e vontade, seus costumes e a conversação da vida passada. Pera isto, se deve de provar antes de entrar nela e perguntar-se a si mesmo por si muitas vezes: se é manso, quieto, humilde, singelo, grave, modesto, alheio do ruído e do mundo; se é recolhido, se saberá estar só e ser sujeito. E, polo contrario, deve olhar se é amigo de seu próprio parecer e entregue à sua vontade, se é o negociante, se é presuntuoso, se é amigo de meixericos, se é amigo de novas, se é seguidor de seus próprios interesses e de novas amizades, e inventor de novidades, que são pestes no estado de perfeição.

Após isto, há-de considerar sua criação e a gente com quem conversa: porque costume é um grande e cruel tirano, que combate com a natureza; e tanto pode ser importuno, que a vença. Quero dizer que se um é inclinado a tráfegos e negócios mundanos, ou se tem este vício por longo exercício de conversação daqueles com quem há tratado, corre risco em se meter frade ou fazer-se solitário, polo perigo e trabalho que é mudar natureza e vencer criação tirânica.

O que tal vida tomar, que é de perfeitos, facilmente tomará atrás, com muita infâmia e perigo da alma; ou pagará um duro tributo a seus tirânicos senhores, quero dizer, à torcida natureza e ao mau costume.

Com isto digo que, se em ti sentires a mão do Todo Poderoso (e sua graça pera mudar a tal vida de costume ou natureza), não faltes nem resistas à graça divina; mas, com maduro conselho dos sábios e virtuosos, podes entrar nestes atalhos dos conselhos evangélicos pois por eles te chama o Senhor, que o trabalho e contínuo exercício tudo podem mudar.

Este fez caminho polo céu e pôs nomes às estrelas e planetas, conheceu sua virtude e influências. E, polo mar, onde não há rasto, fez vários caminhos e certas carreiras pera ir de ãa terra a outra. Este fez dar frutos os campos de si estériles e veste a seca terra de muitas froles na primavera. E, finalmente, como diz o poeta: «o trabalho tudo acaba».

Contudo lembra-te andar sempre armado e aparelha-te à tentação. E, no trabalho e adversidade, tem paciência, que é o cofre seguro em que guardarás tua alma.

Armando de Jesus Marques